

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. **O que é Religião?** 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando – Introdução à Filosofia.** São Paulo: Moderna, 1995.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Monges de Maredsous (Bélgia). **Novo Testamento.** 58 ed. São Paulo: Ave Maria, 1987.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** 6 ed. São Paulo: Ática, 1997.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia:** resposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon (1847). São Paulo: Centauro, 2001.

MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann.** 6 ed. Rio de Janeiro: 1997.

MARX, Karl. **Os Pensadores.** Seleção de Textos de José Arthur Giannotti; traduções de José Carlos Bruni. 5 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião.** 3 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

CONCLUSÃO

Depois das várias pesquisas que permitiram a elaboração deste trabalho monográfico, algumas visões conclusivas devem ser destacadas em relação à religião e o lugar que, historicamente, ela ocupa na vida das pessoas e na sociedade.

Assim, pode-se dizer que a religião abrange o aspecto espiritual e cultural do ser humano; nas sociedades mais primitivas ela ocupava o centro da vida do homem e todas as explicações eram buscadas nela; porém, à medida que foi ocorrendo o desenvolvimento da razão, a religião perde a sua unicidade e muitas críticas passaram a serem dirigidas a ela. Mas um ponto curioso que deve ser destacado é que a cada dia surgem um número ainda maior de religiões o que não significa que são frutos da fé das pessoas, pelo contrário, muitos estudiosos analisam o surgimento de várias religiões, justamente como resultantes da falta de fé das pessoas que têm procurado nas igrejas e nos seus dirigentes, o preenchimento da sua vida espiritual e não buscam este consolo em Deus, não encontrando o que procuram em uma religião, procuram sempre em outras e isto contribui para o surgimento progressivo de religiões.

Marx, crítica durante a religião e a acusa de ser alienante e manipuladora da vida espiritual das pessoas. Infelizmente, devemos concordar com ele porque aquilo que deveria ser consolo para a vida das pessoas tem-se transformado no seu instrumento de opressão; nos dias atuais, vemos a vergonhosa situação de igrejas e religiões que converteram em verdadeiras empresas capitalistas que só existem em função de explorar a boa fé das pessoas, usurpando-lhes aos poucos bens econômicos que estas possuem em nome de um falso consolo espiritual que nunca vem porque são conduzidas por pessoas alheias aos sentimentos de ética, de respeito e de amor ao próximo e a Deus em nome de quem agem.

Para ele, a religião é uma consciência errônea do mundo. Enquanto protesto contra as ilusões humanas é protesto ineficiente porque desvia a atenção deste mundo e de sua transformação para outro, para o além. Desta forma, a religião age como calmante: É o ópio do povo. A religião hipnotiza os homens com falsa superação da miséria e assim destrói sua força de revolta.

Na alienação religiosa, o homem projeta, segundo Marx, para fora de si, de maneira vã e inútil, seu ser essencial e perde-se na ilusão de um mundo transcendente. A religião nada mais é do que a projeção do ser do homem num mundo ilusório. Com ela aliena-se a si mesmo. A religião faz o sujeito predicado, alcançando Deus sobre as nuvens, em vez de dar-se conta de que o céu está sobre a terra.

A religião nasce, segundo ele, da convivência social e política perturbada dos homens. O crente suspira por uma felicidade ilusória para esquecer sua desgraça presente. Por isso a religião é o ópio do povo. Para libertar o proletariado e a humanidade da miséria, é preciso destruir o mundo que gera a religião.

Não se pode dizer que, para Marx, a religião é simples invenção de sacerdotes falsários ou de dominadores. É a manifestação da humanidade sofredora em busca de consolo. O slogan de que "a religião é o ópio do povo" era comum entre os críticos da época de Marx. É ópio para o povo, um calmante para as massas que sofrem a miséria produzida pela exploração econômica. Mas os exploradores burgueses também precisam da religião. Para os exploradores é consolo inútil, narcótico e, para os outros, justificção, calmamente para sua consciência.

Marx conclui que, sendo a religião reflexo espiritual da miséria real do homem numa sociedade opressora, a superação da religião não se dará só pela crítica intelectual. A luta contra a religião tem seu aroma espiritual. É a imagem falsa do mundo. A crítica do céu torna-se a crítica da terra. Para eliminar a alienação religiosa é preciso eliminar todas as condições de miséria que à originam. A religião é, pois, epifenômeno ou superestrutura. Mudando a infra estrutura econômica, a superestrutura mudará automaticamente.

Ele antevê o fim da religião. Ela só existe numa situação marcada pela alienação. Desaparecida a alienação, numa sociedade livre, em que não haja opressores, não importa que sejam capitalistas, burocratas ou quem que estende algum sinal de superioridade hierárquica, desaparecerá também a religião.

E Marx fala sobre uma sociedade sem classes que ninguém nunca viu, e na visão transparente e conhecimento cristalino das coisas e no triunfo da liberdade e no desaparecimento de opressores e oprimidos, enquanto o Estado murcha de velhice e inutilidade, ao mesmo tempo que as pessoas brincam e riem enquanto trabalham, plantando jardins pela manhã, construindo casas à tarde, discutindo arte à noite... De fato, foram-se os símbolos sagrados, justamente aqueles já avançados em anos ou já mortos.

Ele foi o único pensador, que compreendeu que uma religião que não invoca a transcendência deveria ser chamada de política.

2.3- A Religião como uma das formas mais elaboradas de alienação de um povo.

Para Marx a religião aliena o homem. Essa alienação religiosa deve ser esclarecida a partir da situação histórica - social concreta. Mas a religião é a expressão da alienação do homem e não seu fundamento.

São as estruturas econômicas que, segundo Marx, geram a falsa consciência, que é a religião. Assim, a idéia de Deus é o resultado de uma economia alienante. A religião é o aroma de uma sociedade alienada. É um momento necessário do mundo alienado porque o justifica. Seu protesto contra este mundo permanece sem conseqüências porque propõe uma solução para além da história. A religião apenas oferece uma libertação espiritual do homem, a libertação imaginária e ilusória. Somente a práxis revolucionária será capaz de emancipar radicalmente o proletariado industrial, dispensando o protesto e o consolo da religião.

2.2- O ópio do povo

Para Karl Marx, a religião surge para iluminar os cantos escuros do conhecimento, mas ela mesma não vê, então, ilumina com ilusões que consolam os fracos e legitimações que consolidam as partes.

A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, sua solene completude, sua justificação moral, seu fundamento universal de consolo e legitimação³.

De fato, quando o pobre oprimido, das profundezas do seu sofrimento, balbucia:

“É a vontade de Deus”, cessam todas as razões, todas os argumentos, as injustiças se transformam em mistérios de designas insondáveis, e sua própria miséria, uma provação a ser suportada com paciência, na esperança da salvação eterna de sua alma. Os poderosos usam as mesmas palavras sagradas e invocam os poderes da divindade como cúmplices da guerra e da rapina.

Os habitantes originais deste continente e suas civilizações foram massacrados em nome da cruz, e a expansão colonial levou comigo para a Ásia e para a África a Deus dos brancos, e constituições se escrevem invocando a vontade de Deus, e um representante de Deus vai ao lado daquele que foi condenado a morrer.

Desta forma as palavras que brotam do sofrimento se transformam, elas mesmas, no bálsamo provisório para uma dor que ele é impotente para curar. É por isso que é ópio, “felicidade ilusória do povo”, que deve ser abolida como condição de sua verdadeira felicidade. Mas, o abandono das ilusões não consegue por meio de uma atividade intelectual. As pessoas não podem ser convencidas a abandonar suas idéias religiosas. Idéias são ecos, fumaça, sintomas... Se elas têm tais idéias é porque uma situação as exige. É necessário, então, que sua situação seja mudada, as feridas curadas, para que as ilusões desapareçam.

³ MARX apud. ALVES op.cit. p.79.

lógica e enciclopédica, para dar sentido às coisas, às relações sociais e políticas, encontrando significações – o espírito no mundo sem espírito, que lhes permitem, periodicamente, lutar contra os poderes tirânicos. Marx tinha na cabeça as revoltas camponesas e populares durante a Reforma Protestante, bem como na Revolução Inglesa de 1642, na Revolução Francesa de 1789, e nos movimentos milenaristas que exprimiram, na Idade Média, e no início dos movimentos socialistas a luta popular contra a injustiça social e política.

Se por um lado na religião há a face opiácea do conformismo, há, por outro lado, a face combativa dos que usam o saber religioso contra as instituições legitimadas pelo poder teológico-político.

O pensamento de Marx sobre a religião tomou forma e se desenvolveu em meio a uma luta política que travou. Essa luta não foi nem com clérigos nem com os teólogos, mas com um grupo de filósofos que entendiam que a religião era a grande culpada de todas as desgraças sociais de então, e desejavam estabelecer um programa educativo com o objetivo de fazer com que as pessoas abandonassem as ilusões religiosas. Marx estava convencido de que as religiões não tinham culpa alguma. E que não existia nada mais impossível que a eliminação de idéias, ainda que falsas, das cabeças dos homens... Porque as pessoas não têm certas idéias porque querem.

Ele acreditava que a religião não era culpada porque não fazia diferença alguma .

Como poderia a religião ser acusada de responsabilidade, se ela não passava de uma sombra, de um eco, de uma imagem invertida, projetada sobre a parede. Ela não era causa de coisa de alguma, apenas um sintoma².

Como se verifica, Marx não desejava gastar energia com dragões de papel. Estava em busca das forças que realmente movem a sociedade. Porque era aí, e somente aí, que as batalhas deveriam ser travadas.

² MARX apud. Rubem Alves

CAPÍTULO II

2- BIOGRAFIA

Karl Marx, cientista social, historiador e revolucionário, foi certamente o pensador socialista que maior influencia exerceu sobre o pensamento filosófico e social e sobre a própria história da humanidade, embora ignorado pelos estudiosos acadêmicos de sua época, Marx, nasceu em 5 de maio de 1848, em uma família de classe média, em Trier às margens do Rio Mosela, na Alemanha. Descendentes rabinos. Aos 17 anos, matriculou-se na faculdade de Direito da Universidade de Bonn e mostrou-se sensível ao romantismo que ali predominava. Foi expulso de vários lugares, por causa das idéias que ele escrevia. Na última década de sua vida, a saúde de Marx entrou em declínio, mas mesmo assim, conseguiu fazer comentários substanciais sobre a política contemporânea em especial na Alemanha e na Rússia. Morreu em 14 de março de 1883 em Londres.

2.1. A Religião em Marx

“A Religião é lógica e enciclopédia popular, espírito de um mundo sem espírito”¹.

Com estas palavras ele procurou mostrar que a religião é uma forma de conhecimento e de explicação da realidade, usada pelas classes populares –

¹ MARX apud. CHAUÍ op.cit. p.309.

exemplo, certas concepções de Deus como o deus que sanciona instituições e regimes políticos indefensáveis por ser indigno de nossa fé. Mas o processo do iluminismo também pode purificar o conceito de Deus e conservar a autêntica tradição da fé.

- 2- A relação do cristianismo e das igrejas para com às religiões não cristãs modificou-se profundamente. Também no ocidente, o cristianismo deixa de ser a religião que integra a sociedade global. Os pagos não estão mais fora da sociedade e o cristianismo carece da evidencia racional de ser a única e verdadeira religião. Tornou-se uma religião ao lado de muitas outras. A tentativa de interpretar todas as religiões não cristãs simplesmente como cifras de uma fé filosófica ou declarar os não cristãos anônimos não satisfaz.

- 3- O lugar e a função da religião e das igrejas no novo mundo político-social modificaram-se radicalmente. O iluminismo, que declara a liberdade de todos como princípio da ética e da política e exige instituições que favoreçam e garantam a liberdade e o direito de todos os homens, questiona radicalmente a tradição antiga e medieval. Neste mundo a filosofia da religião tem papel enquanto dura a exigência de conhecer criticamente a verdade religiosa.

1.9- As Religiões estão mais preocupadas em vender doutrina do que ensinar o caminho até Deus

Muitas religiões se encontram vazias e destituídas de sentido. Numa instituição sagrada que se fez empresa, é muito mais conveniente vender doutrina do que ensinar, aos fiéis, o caminho que conduz à vida eterna que consistia na principal meta das religiões antigas. Se a religião foi banalizada, a Igreja como instituição, também foi. Os próprios dirigentes das igrejas demonstram ter perdido o pudor e o respeito pelos fiéis, pois, não são raras as notícias que temos cotidianamente de pessoas ligadas às igrejas que estão envolvidas em escândalos e em outras formas de imoralidade.

Assim, como ocorrem com as empresas convencionais, as igrejas vivem numa intensa concorrência entre si, há uma disputa pelo poder, e pela influência na mente das pessoas, porque quanto mais seguidores, mais poder, mais reconhecimento e prestígio social e mais dinheiro para os cofres também.

E o que mantém estas igrejas vivas, ganhando cada vez mais seguidores são os discursos e as pregações calorosas daqueles que se dizem enviados de Deus, que mantêm um contato íntimo com Ele, através das revelações que, quase sempre são de acordo de redenção para aqueles que “seguia a sua vontade”.

Cada igreja ou cada religião cria a sua própria doutrina de acordo com a ideologia dos seus dirigentes e de acordo com o público que se pretende atingir. Depois que criam essas doutrinas, a preocupação maior é vende-la, ou seja, atrair um público simpatizante que está disposto a segui-la e submeter-se a ela.

Por outro lado, estas pessoas não sabem quase nada sobre Deus, seus ensinamentos, sobre sua mensagem real de fé e de esperança para o povo.

No ocidente, marcado profundamente pela religião e cultura judaica – cristã, para haver três questões fundamentais:

- 1- Entre a tradição religiosa e as experiências da intersubjetividade críticas modernas surgiram um abismo profundo – o processo do iluminismo age de maneira dialética sobre a tradição religiosa: destrói e conserva. Destrói, por

antigas, é o caso, por exemplo, de uma seita que surgiu nos Estados Unidos e que defendia o suicídio coletivo.

Muitas especulações existem em torno dessa questão. Afinal, porque tantas religiões ou por que tantas denominações religiosas dentro do cristianismo, se Deus é único? Embora se trate de uma questão delicada não é difícil respondê-la. Em primeiro lugar, é importante destacar que o sistema capitalista utiliza as religiões para consolidar a sua influência e a sua legitimidade foi assim que o socialismo entrou em declínio porque as igrejas procuravam transmitir que o socialismo ou comunismo se tornariam no grande mal da humanidade caso não fosse derrotado.

Em segundo lugar, é importante destacar que muitas igrejas surgem como empresas, tornando-se organizações sólidas que movimentam milhões e milhões de dinheiro através da alienação e da exploração da fé das pessoas. Algumas igrejas, entre elas a católica são grandes latifundiárias e proprietárias de imóveis, tudo isso graças ao pagamento do dízimo que é divulgado como uma devolução para Deus de um pouco daquilo que ele deu para a pessoa, principalmente o trabalho.

Um outro fator que deve ser levantado para essa proliferação das pessoas é a falta de fé, ou seja, às pessoas têm fé nos padres, pastores e outros dirigentes de igreja. Assim, permanecem nela enquanto tiverem fé e confiança nestas pessoas, a partir do momento que essa confiança acabar, a fé se esvazia e essa pessoa procura outra igreja e é por isso que, cada nova religião que vai surgindo, encontra facilmente novos seguidores.

Ainda é possível afirmar que, num mundo caracterizado por tanta miséria e violência, as pessoas procuram uma esperança e um consolo espiritual nas religiões e, quando uma não lhe dá essa segurança espiritual, as pessoas procuram outra e assim vai.

Por fim, é importante destacar que as religiões foram banalizadas, onde as pessoas acreditam que tanta faz uma quanto a outra. Algumas pessoas não se preocupam muito com o que as igrejas ou as religiões têm para oferecer, deseja seguir uma, por isso, por comodidade, procura a mais acessível.

alinha-se ao lado dos vitoriosos e são por eles controlada. Seus métodos e conclusões mostram-se extraordinariamente adaptados à lógica do mundo moderno.

Assim, desde o período medieval, estabeleceu-se um quadro simbólico no qual não havia lugar para a religião. Foi identificado com o passado, o atraso, a ignorância de um período negro da história, Idade das Trevas, e explicado como comportamento infantil de povos e grupos não-evoluídos, ilusão, ópio, neurose, ideologia. E, opondo-se a esse quadro sinistro, um futuro luminoso de progresso, riqueza e conhecimento científico. Enfim, a religião foi aquinhada com a administração do mundo invisível, o cuidado da salvação, a cura das almas aflitas.

1.8- Por que tantas Religiões?

Nos dias atuais, é cada vez mais crescente o número de religiões que vão surgindo todos os dias. A cada dia surge uma nova denominação religiosa levando os estudiosos a voltarem suas atenções para o caso. Neste sentido, é preciso analisar os dois lados da moeda, ou seja, as perspectivas daqueles que criam uma religião e as expectativas dos seguidores.

Desde que o monge Martin Lutero empreendeu a reforma protestante, as igrejas vêm se ramificando numa velocidade assustadora. A cada novo dia surge pelo menos uma nova denominação religiosa. Até a própria Igreja Católica que durante muitos séculos manteve a hegemonia de poder religioso se encontra dividida desde o início da década de 1970. Porém, é o protestantismo que é o responsável pela ramificação das igrejas.

Não obstante esse crescimento contínuo e progressivo do número de religiões, é importante destacar que há também as seitas religiosas, que são organizações com um número mais reduzido de seguidores e que possuem certas doutrinas e ensinamentos que nada tem a ver com as religiões tradicionais ou mais

Quando percorremos nossas bibliotecas, convencidos desses princípios, que destruição temos de fazer! Se tomarmos em nossas mãos qualquer volume, seja de teologia, seja de metafísica escolástica, por exemplo, perguntemo-nos: será que ele contém qualquer raciocínio abstrato relativo à quantidade e ao número? Não. Será que ele contém raciocínios experimentais que digam respeito a matérias de fato e à existência? Não. Então, lançai-o às camas, pois ele não pode conter coisa alguma a não ser sofismas e ilusões¹¹.

O que Hume procura enfatizar é que à medida que a consciência humana foi se elevando, tudo aquilo que não comportava uma certa racionalidade, deixou de ter valor para o homem, pois já não era mais possível continuar acreditando em explicações místicas e sobrenaturais.

Perde a natureza sua aura sagrada. Nem os céus proclamam a glória de Deus, como acreditava Kepler, nem a terra anuncia o seu amor. Céus e Terra não são o poema de um Ser Supremo invisível. E é por isso que não existe nenhum interdito, nenhum tabu a cercá-los. A natureza é nada mais que uma fonte de matérias-primas entidade bruta, destruída de valor.

Até mesmo as pessoas perdem o seu valor religioso. No mundo medieval, por mais desvalorizadas que fossem, seu valor era algo absoluto, pois lhes era conferido pelo próprio Deus. Agora num mundo capitalista, alguém vale quanto ganha, enquanto ganha.

Hoje o que se verifica é que muitos os que se pensou sobre religião têm a ver com as lealdades das pessoas envolvidas. A condenação do sagrado sempre foi exigida pelos interesses da burguesia e pelo avanço da secularização. Basta abrir nossos jornais e tomar ciência das tensões entre Igreja e Estado, Igreja e interesses econômicos. A argumentação é a mesma. As idéias de repetem. Que a religião cuide das realidades espirituais, porque das coisas materiais e do dinheiro o estado se encarrega.

É necessário, neste aspecto, reconhecer que a religião representava o passado, à tradição. Trata-se de uma forma de conhecimento surgido em meio a uma organização social e política derrotada. Por outro lado, a ciência, por sua vez,

¹¹ HUME apud. ALVES op.cit. p.38

Porém, engana-se quem pensa que, com isso, as religiões acabaram ou estão em processo de extinção, pelo contrário, é cada vez mais crescente o número de religiões, não porque o homem sente necessidade de um contato mais íntimo com o seu criador, mas porque a religião passou, com o tempo, a concretizar-se como um instrumento de manipulação, principalmente das massas oprimidas que necessitam se apegar numa esperança de vida melhor.

Assim, o que se pode dizer é que as religiões existem e cada vez em maior quantidade, porém, a grande transformação que ocorreu nos últimos anos é em relação ao papel que elas desempenham na sociedade moderna e as expectativas que as pessoas têm em relação à elas.

1.7- O que ocorreu ao universo religioso?

O universo religioso era encantado. Um mundo encantado abriga, não seu seio, poderes e possibilidades que escapam à nossa capacidade de explicar, manipular, prever. Trata-se portanto, de algo que nem pode ser completamente compreendido pelo poder da razão, nem completamente racionalizado pelo poder do trabalho.

Mas, como poderia o projeto da burguesia sobreviver num mundo desses, obscurecido por mistérios e anarquizado por improvisos? Sua intenção era produzir, de forma racional, o crescimento da riqueza. Como afirma Rubem Alves: "Isso tudo exigia o estabelecimento de um aparato de investigações que produzisse os resultados de que ele tinha necessidade"¹⁰. E que instrumento mais livre de pressupostos irracionais religiosos, mais universal, mais transparente pode existir do que a matemática? Linguagem totalmente vazia de mistérios, totalmente dominada pela razão.

¹⁰ ALVES, Rubem. *O que é Religião?* 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999, p.47

desfez o privilégio da religião como visão de mundo único. Filosofia e ciência elaboram explicações cujos princípios são completamente diferentes da religião.

Ao instaurar essa ruptura a cultura ocidental provocou um acontecimento desconhecido em outras culturas o conflito entre a fé e a razão, que se manifestou desde muito cedo.

Nem sempre a Filosofia abandonou os temas da religião. Todavia, ocupou-se deles do ponto de vista do logos e não do mythos. Assim procedendo, despojou-os sua condição de mistérios para transformá-los em conceitos e teorias. Para a alma religiosa, há um Deus, para a Filosofia, é preciso provocar a existência da divindade. Para a alma piedosa, Deus é um ente perfeito, bom e misericordioso, mas justo, punindo os maus e recompensando os bons. Para a Filosofia, Deus é uma substância infinita, mas é preciso demonstrar que sua essência é constituída por um intelecto onisciente e uma vontade onipotente.

Para os que crêem, a espiritualidade divina não é incompatível com a esperança de poder ver Deus atuar materialmente sobre o mundo, realizando milagres; para a filosofia, é preciso demonstrar a possibilidade de uma ação do espírito sobre a matéria e porque, sendo Deus onisciente, suspenderia a ordenação necessária do mundo, que Ele próprio estabeleceu, fazendo milagres, ou seja, a partir das suas manifestações através da fé, das pessoas, se pôde comprovar a existência verdadeira de Deus.

1.6- O lugar da Religião na Sociedade Moderna

Muitos fatores contribuíram para que o homem se distanciasse do ideal religioso. Em primeiro lugar, o desenvolvimento da ciência faz cair por terra toda espécie de conhecimento dogmático e leva à descrença generalizada em relação a qualquer explicação mística, ou seja, o homem procura explicações mais racionais para os fatos e fenômenos de seu cotidiano.

uma substância, cuja a essência foi fixada antes e fora do tempo, mas é o sujeito espiritual, que se efetua como sujeito temporal, cuja ação é ele mesmo manifestando-se para si mesmo. Hegel destaca que a mais baixa manifestação do Espírito é a natureza; a mais alta é a cultura.

Segundo Hegel, na cultura, o Espírito se realiza como Arte, Religião, Estado e Filosofia, numa seqüência que é o aperfeiçoamento rumo ao termino do tempo. Isso significa que Deus se manifesta, primeiro como arte nas artes, depois, como Religião, nas religiões e, finalmente, como Estado nos estados e, finalmente, como Filosofia nas filosofias.

Por sua vez, a fenomenologia descreve essências constituídas pela intencionalidade da consciência, que é doadora de sentido à realidade. A consciência, constitui as significações, assumindo atitudes diferentes, cada qual com o seu campo específico, sua estrutura e finalidades próprias. Assim como há a atitude natural e a atitude filosófica, há também a atitude religiosa, como uma das possibilidades da vida da consciência. Quando esta se relaciona com o mundo através das categorias e das práticas ligadas ao sagrado, constitui a atitude religiosa.

1.5- A ruptura com o mythos, feita pelo logos, desfez o privilégio da religião (visão de mundo única)

Na maioria das culturas, a religião se apresenta como um sistema explicativo geral, oferecendo causas e efeitos, relações entre os seres, valores morais, sustentação ao poder político. Nela se efetiva uma visão de mundo único, válida para toda sociedade e fornecendo a seus membros uma comunidade de ação e destino.

No caso da cultura ocidental, porém, a religião tornou se apenas um sistema explicativo da realidade, entre outros; a ruptura com o mythos, efetuado pelo surgimento e desenvolvimento do logos, isto é, do pensamento racional,

pela própria religião, sob a forma de mandamentos divinos, isto é, a religião reelabora as relações sociais existentes como regras e normas, expressões da vontade dos deuses ou de Deus, garantindo a obrigatoriedade da obediência a elas, sob a pena de sanções sobrenaturais.

1.4- A aproximação entre a Filosofia e a Religião

Há várias interpretações com pontos contraditórios e pontos de proximidades que relacionam a filosofia com a religião, na opinião de alguns estudiosos, a religião acusa a Filosofia e a ciência de heresia e ateísmo, enquanto as mesmas acusam a religião de dogmatismo, atraso e intolerância.

Kant⁸ faz uma crítica à pretensão da metafísica de ser ciência dirige-se à Filosofia, quando esta assume o conteúdo de uma teologia racional, uma psicologia racional e uma cosmologia racional. A distinção entre fenômeno e nômeno permite ao filósofo limitar o campo do conhecimento teórico ao primeiro e impediu a pretensão de teorizar sobre o segundo.

Assim, deve-se partir do princípio de que a metafísica não é conhecimento da essência em si de Deus, alma e mundo, estes são nômenos (realidade em si), inacessíveis ao nosso entendimento. A religião por sua vez, não é teologia, não é teoria sobre Deus, alma e mundo, mas resposta a uma pergunta da razão que esta não pode responder teoricamente. “O que podemos esperar?”

O papel da religião é, assim, oferecer conceitos e princípios para a ação moral e fortalecer a esperança nem destino superior da alma humana. Sem Deus e a alma livre não haveria a humanidade, apenas a animalidade natural; sem a imortalidade, o dever torna-se-ia banal.

Contrariamente, à Kant, a Hegel⁹ enfatiza que a realidade não é senão a história do Espírito em busca da identidade consigo mesmo. Para ele. Deus não é

⁸ KANT apud CHAUI, op.cit. p.313

⁹ HEGEL apud Chauí, op.cit.313 e314

– tempo do pleno e da ordem. Nesse tempo sagrado da ordem, novamente uma divisão: o tempo primitivo, inteiramente divino, quando tudo foi criado, e o tempo do agora, profano, em que vivem os seres naturais, incluindo os homens.

1.3- O propósito da religião

A invenção cultural do sagrado se realiza como processo de simbolização e encantamento do mundo, seja na forma da imanência do sobrenatural no natural, seja na transcendência do sobrenatural. O sagrado é quem dá significação ao espaço, ao tempo e aos seres que neles nascem, crescem e morrem.

A passagem do sagrado à religião determina, de acordo com Chauí, as finalidades principais da experiência religiosa e da instituição social religiosa: Dentre estas finalidades podem ser destacadas:

- proteger os seres humanos contra o medo da natureza, nela encontrando forças benéficas, contrapostas às maléficas e destruidoras;
- dar aos humanos um acesso à verdade do mundo, encontrando explicações para a origem, a forma, a vida e a morte de todos os seres e dos propósitos humanos;
- oferecer aos humanos a esperança de vida após a morte, seja sob a forma de reencarnação perene, seja sob a forma de reencarnação purificadora, seja sob a forma de imortalidade individual que permite o retorno do homem ao convívio direto com a divindade. As religiões da salvação, tanto as de tipo judaico-cristão, quanto as de tipo oriental, prometem aos seres humanos libertá-los da pena e da dor da existência terrena.
- oferecer consolo aos aflitos, dando-lhes uma explicação para a dor, seja ela física ou psíquica;
- garantir respeito às normas, às regras e os valores da moralidade, estabelecida pela sociedade. Em geral, os valores morais são estabelecidos

1.2- O princípio de tudo e a religião

A religião não transmuta apenas o espaço, pelo contrário, também qualifica o tempo, dando-lhe a marca do sagrado. O respeito do tempo, em religião, Chauí, destaca:

O tempo sagrado é uma narrativa. Narra a origem dos deuses e, pela ação das divindades, a origem das coisas, das plantas, dos animais, dos seres humanos. Por isso, a narrativa religiosa sempre começa com uma expressão do tipo: 'no princípio', 'no começo', 'quando o deus x estava na terra', quando a deusa y viu pela primeira vez, etc'⁷.

O que Chauí procura destacar é que a narrativa sagrada é a história sagrada, que os gregos chamavam de mito. Este não é uma fabulação ilusória, uma fantasia sem consciência, mas a maneira pela qual uma sociedade narra, por si mesma, seu começo e de toda sua realidade, inclusive o nascimento dos próprios deuses. Só muito tempo depois, quando surge a Filosofia e, depois dela, a Teologia, a razão exigirá que os deuses não sejam apenas imortais, mas também eternos, sem começo e sem fim. Antes, porém, da Filosofia e da Teologia, a religião narrava teogonias (do grego: Theos, deuses; gonia., geração) isto é a geração ou nascimento dos deuses, semideuses e heróis.

Os contrastes existentes entre dia e noite, luz e trevas, por exemplo, evidenciam um mundo ordenado e regular, no qual os humanos nascem, vivem e morrem. A história sagrada ou mito narra como e porque a ordem do mundo foi doada aos humanos pelos deuses. Assim, além de ser uma teogonia, a história sagrada é, também, uma cosmogonia (do grego: cosmos, mundo; gonia, geração), narra o nascimento, a finalidade e o perecimento de todos os seres sob a ação dos deuses.

Ainda de acordo com Chauí, podemos perceber que assim como há dois espaços, há dois tempos: o anterior à criação ou gênese dos deuses e das coisas (o tempo do vazio e do caos) e o tempo originário do gênese de tudo quanto existe

⁷ CHAUÍ, op. cit. p.298-299.

No cristianismo, a religião é, também, expressa por um gesto de união. De acordo com o Novo Testamento, Jesus disse a Pedro: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela"². Uma outra passagem, também do novo Testamento que complementa esta ligação, pode ser enunciada da seguinte forma: "Eu te darei as chaves do Reino: o que ligares na terra será ligado no céu; o que desligares na terra será desligado no céu"³.

Assim, através da sacralização e consagração, a religião cria a idéia de espaço sagrado. Os céus, o Monte Olimpo (na Grécia), as montanhas do deserto (em Israel), templos e igrejas são santuários ou morada dos deuses. O espaço da vida comum separa-se do espaço sagrado: neste, vivem os deuses, são feitas as cerimônias de culto, são trazidas oferendas e feitas preces com pedidos a divindades (colheita, paz, vitória na guerra, bom parto, fim de uma peste); no primeiro transcorri a vida profana dos humanos. A religião organiza o espaço e lhe dá qualidades culturais, diversas das simples qualidades naturais.

Sobre religião, Rubem destaca: "A religião não se liquida com a abstinência dos atos sacramentais a ausência dos lugares sagrados, da mesma forma que o desejo sexual não se elimina com os votos de castidade"⁴.

Desta forma, é fácil como diz Alves, "identificar, isolar e estudar a religião como o comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Mas, é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui mundos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano"⁵. Assim, a religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir, isto faz com que a ciência da religião seja entendida como ciência de nós mesmos, pois envolve sapiência, conhecimento saboroso.

A consciência de Deus é autoconsciência; o conhecimento de Deus é autoconhecimento. A religião é o solene desvelar dos desouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão aberta dos seus segredos de amor⁶.

² Livro do Evangelho de São Mateus, cap. 16, versículo 18, p.1308.

³ Idem, versículo 19.

⁴ ALVES, Rubem. *O que é Religião?* 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999, p.12.

⁵ Idem, p.13.

⁶ FEVERBACH, apud Alves, op. cit. p.13

CAPÍTULO I

1- RELIGIÃO

1.1- Conceito

A palavra religião vem do latim: religio, formada pelo prefixo re (outra vez, do novo) e o verbo ligare (ligar, unir, vincular). A religião é um vínculo. As partes vinculadas o mundo profano e o mundo sagrado, isto é, a natureza e as divindades que a habitam ou em lugar separado da natureza.

De acordo com Marilena Chauí:

...nas várias culturas, essa ligação é simbolização no momento de fundação de uma aldeia, vila ou cidade: o guia religioso traça figuras no chão e repete o mesmo gesto no ar. Esses dois gestos delimitam um espaço novo, sagrado e consagrado. Nesse novo espaço erguem-se o santuário (em latim, templum, templo), e à sua volta os edifícios da nova comunidade¹.

Essa mesma cerimônia de ligação fundadora aparece na religião Judaica, quando Jeová indica ao povo o lugar onde deve habitar – Terra Prometida – e o espaço onde o templo deverá ser edificado, para nele ser colocado a arte da aliança, símbolo do vínculo que une o povo e seu Deus, recordando a primeira ligação que é o arco-íris, anunciado por Deus a Noé como prova de seu laço com ele e à desobediência do povo.

¹ Chauí Marilena. *Convite à Filosofia*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 298.

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico, ora apresentado, tem como objetivo demonstrar como Karl Marx fundamenta a religião e porque ele diz que ela é o ópio do povo, existindo apenas numa sociedade marcada pela alienação.

O primeiro capítulo tem início, procurando oferecer um conceito geral para a palavra religião, destacando a origem etimológica deste conceito e os diversos conceitos apresentados por especialistas em diversas áreas; assim, também é oferecida uma breve compreensão sobre a religião como princípio de tudo e os propósitos que ela apresenta para a vida do homem. Este capítulo também procura destacar a aproximação existente entre a Filosofia e a Religião e as críticas de uma em relação a outra. Um outro ponto importante destacado, refere-se à ruptura do *mythos* feita pelo *logos*, tal ruptura desfaz o privilégio de religião. O universo religioso era encantado, inquestionável, superior a tudo; porém com as transformações ocorridas na Idade Moderna, esse mundo encantado se desfez e a religião deixa de ser o centro da vida do homem, porém, as religiões não desapareceram, pelo contrário, a cada dia surgem mais e mais denominações religiosas, mas, o que se verifica é que as religiões, nos dias atuais, estão muito mais preocupadas em vender doutrina do que em cuidar da espiritualidade das pessoas.

O último capítulo procura dar uma fundamentação da religião dentro da visão marxista, que considerará-a como lógica e enciclopédia popular, representação de um espírito de um mundo sem espírito; neste capítulo, há uma reflexão sobre porque Marx diz que a religião é o ópio do povo, destacando que ela representa a forma mais bem elaborada de alienação.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO I	06
1- RELIGIÃO	06
1.1- Conceito	06
1.2- O princípio de tudo e a religião	08
1.3- O propósito da religião	09
1.4- A aproximação entre a Filosofia e a Religião	10
1.5- A ruptura com o mythos, feita pelo logos, desfez o privilégio da religião (visão de mundo única)	11
1.6- O lugar da Religião na Sociedade Moderna	12
1.7- O que ocorreu ao universo religioso?	13
1.8- Por que tantas Religiões?	15
1.9- As Religiões estão mais preocupadas em vender doutrina do que ensinar o caminho até Deus	17
CAPÍTULO II	19
2- BIOGRAFIA	19
2.1- A Religião em Marx	19
2.2- O ópio do povo	21
2.3- A Religião como uma das formas mais elaboradas de alienação de um povo	22
CONCLUSÃO	24
BIBLIOGRAFIAS	25

CÉLIA ALVES DOS SANTOS

A RELIGIÃO EM MARX

Monografia defendida e aprovada, no dia 28 de novembro de 2003, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos
Orientador

José Geraldo Trindade
Professor

Helena de Fátima Araújo
Professora

“Qui si convien lasciare
ognispetto ogni viltá convien che
sia morta”.

Londres, Janeiro de 1859

Karl Marx

“Que aqui se afaste toda a
suspeita, que neste lugar se
despreze todo o medo”.

Karl Marx

Dedico à minha família, por ser a grande incentivadora das conquistas que tenho empreendido.

CÉLIA ALVES DOS SANTOS



A RELIGIÃO EM MARX

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

Daou - 30804

Tombo n°	<i>8469</i>
Classif.:
Ex.:	<i>1</i>

Origem:	<i>1</i>
Data:	<i>20.03.04</i>

Rubiataba-GO

2003

CÉLIA ALVES DOS SANTOS



A RELIGIÃO EM MARX

Rubiataba-GO

2003